

Carlos Capinan | Douglas de Almeida
Fernando de Oliveira | Juvenal Payayá | Rilton Gonçalo
Sérgio São Bernardo | Walter Cézar

Convidadas

Bárbara Pontes | Malaika Kempf Braga

VERSEJOS ÁRDEGOS



Carlos Capinan | Douglas de Almeida
Fernando de Oliveira | Juvenal Payayá | Rilton Gonçalves
Sérgio São Bernardo | Walter César

Convidadas

Bárbara Pontes | Malaika Kempf Braga

VERSEJOS
ÁRDEGOS



Prefácio

Gereba Barreto



CEALA



Salvador | 2020

FICHA TÉCNICA

Editor Geral | Organizador: Rilton Gonçalves | Ceala.

Autores (ord. alfab.): Carlos Capinan; Douglas de Almeida; Fernando de Oliveira; Juvenal Payayá; Rilton Gonçalves; Sérgio São Bernardo e Walter César.

Convidadas (ord. alfab.): Bárbara Pontes e Malaika Kempf Braga.

Prefácio: Winston Geraldo Guimarães Barreto.

Direção: Daiane Maria Pires e Silva.

Supervisão: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti.

Ensaio Fotográfico: Rilton Gonçalves.

Direção Artística: Ceala e Aldeia Nagô.

As opiniões desta publicação não correspondem necessariamente às do CEALA.
Os autores respondem exclusivamente pelos direitos autorais aplicáveis a seus textos e fotos.

Reprodução parcial ou total gratuita, sem fins comerciais, desde que citada a fonte.

The views in this publication do not necessarily correspond to CEALA's views.
Authors are solely responsible for copyrights applicable to their texts and photos.
Partial or total reproduction free of charge, without commercial purposes, provided that this publication is cited.

Las opiniones de esta publicación no corresponden necesariamente a las del CEALA.
Los autores son los únicos responsables de los derechos de autor aplicables a sus textos y fotos.

Reproducción total o parcial de forma gratuita, sin fines comerciales, siempre que se cite esta publicación.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
International Dates of Cataloging in Publication (CIP)
Datos Internacionales de Catalogación en la Publicación (CIP)

P953v Primo, Rilton Gonçalves Bonfim, 1975.

Versejos Árdegos / Rilton Gonçalves Bonfim Primo [...] [et al.]. Salvador: CEALA, 2020.

58 p.; 16,2cm x 22,9 cm

ISBN: 978-65-00-02717-4

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Contemporânea. 3. Fotografia Artística. I. Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África – CEALA. II. Título.

CDD: B869.91

CDU: 82-1



A Aldir Blanc

SUMÁRIO

1	NOTA EDITORIAL	6
2	PREFÁCIO	9
3	PLÊIADE.....	11
3.1	CARLOS CAPINAN	13
	Tres por Acaso.....	13
	Seda da Paixão.....	15
3.2	DOUGLAS DE ALMEIDA	17
	Amigo.....	18
	Liberdade.....	19
3.3	FERNANDO DE OLIVEIRA	21
	Dunas.....	22
	Outono.....	23
3.4	JUVENAL PAYAYÁ	25
	Rematamento.....	26
	Abraços Selvagens.....	28
3.5	RILTON GONÇALO	32
	Alga Viva.....	33
	Legendário Diário.....	34
3.6	SÉRGIO SÃO BERNARDO	36
	O Poço, a Espiral e as Pipas.....	37
	O Comum.....	38
3.7	WALTER CÉZAR	40
	De olho no dedão do pé ou hermeticamente deitado.....	40
	Beat, Poema Beat.....	43
4	POETISAS CONVIDADAS.....	48
4.1	BÁRBARA PONTES.....	50
	Própria.....	51
4.2	MALAIKA KEMPF BRAGA	53
	Eus.....	53
5	SOBRE O CEALA.....	56
6	SOBRE O ALDEIA NAGÔ.....	57

1 NOTA EDITORIAL

Este lançamento inaugura a linha artístico-literária do Prefixo Editorial Ceala.

Sete autores baianos compõe a Plêiade reunida, com um par de poemas cada. Duas poetisas inéditas foram convidadas a esta *débuts*, com uma poesia solo.

A disposição dos nomes e a ordem de apresentação das autorias é alfabética.

Voltada à diversidade do fazer poético baiano no âmbito nacional e exterior, nesta publicação comparecem o litoral e o Recôncavo, Chapada Diamantina e sertão; a afrodescendência do *Ile Asé Taoya Logni* e a ascendência do *Payayá*; literomusicalidades contemporâneas, transvisões líricas e *hippie neobeatniks*.

Docência, operariado; economia, direito, editorias, pesquisa, música, ensaística; cinema, teatro; direção, luz, atuação; composição, pedagogia, *res publica*; caboclo, mulato, índio, negro, caucasiano; jovens, anciões; mulheres, homens.

Os poemas de Fernando de Oliveira são canções em parceria com Rosa Passos e as poesias de Carlos Capinan são músicas em conjunto com Gereba Barreto.

As imagens capturadas no Ensaio-Edição Fotográfico são paisagens da Bahia. A arte da dedicatória é do Ceala, sobre imagem fotográfica da Casa da Palavra.

A distribuição do livro é gratuita e os direitos sobre as obras são das autorias.

Palencia | Castilla e León | Espanha

11 de maio de 2020.

Comitê Editorial
Ceala | Aldeia Nagô



GEREBA BARRETO

Natural de Monte Santo, 1946.

Artista de grande versatilidade, tem realizado importantes projetos para a poesia e a Música Popular Brasileira.

Fundador dos grupos Bendegó e Trovadores Urbanos.

Trabalhos com Tom Zé, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Patativa do Asaré, Sílvio Caldas e Luis Gonzaga; Elizeth Cardoso, Fagner, Beth Carvalho e Paulo Moura; Chico César, Tetê Espíndola, Itamar Assunção, Isaiás do Bandolim e muitos outros.



2 PREFÁCIO

É com grande honra que faço parte deste projeto que, num momento excepcional, abre portas e janelas para integrar tal universo artístico-literário. Desde a sala de entrada, nos mostra a extraordinária diversidade que compõe a nossa identidade cultural.

A poesia está em nós, assim como a musicalidade na humanidade. Ao ler tão maravilhosos escritos, meus dedos se movimentam em acordes, imaginando sons que façam jus a cada palavra escrita e dita por estes grandes poetas.

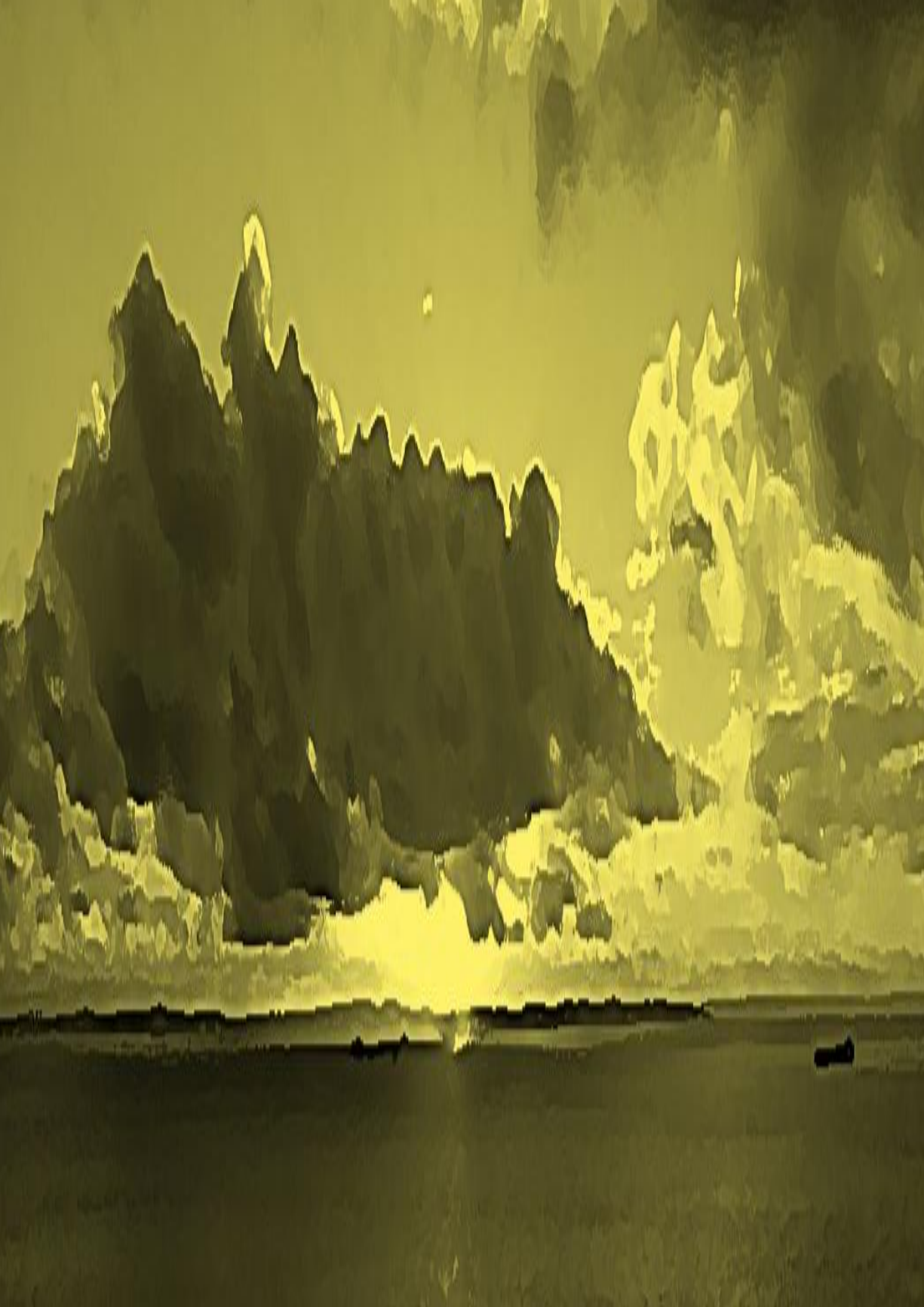
Que seja apenas o início. O ser humano precisa disto para fortalecer e preencher sua humanidade. Precisamos de poesia para preenchermos esse mundo e recompormos sua beleza, pois ela está em nós, assim como estamos nela!

Mais poética, mais Ceala!!

São Paulo, 12 de maio de 2020.

Gereba Barreto
Compositor | Violonista | Arranjador | Produtor

3 Plêiade





JOSÉ CARLOS CAPINAN

Natural de Esplanada, 1941. Pedagogo, médico, Publicitário, teatrólogo, poeta e músico brasileiro.

Membro da Academia de Letras da Bahia.

Integrou o Movimento Tropicalista e foi Secretário da Cultura do Governo do Estado da Bahia.

Autor de clássicos como Ponteio, com Edu Lobo (1967) e Papel Marchê, com João Bosco (1985), assina numerosos sucessos com parcerias como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Jards Macalé, Paulinho da Viola, Suely Costa, Joyce, Chico Buarque, Abel Silva e Gereba Barreto.

Três por Acaso

Quando três por acaso amigos
se encontram
e começam a cantar a paixão,
são línguas de fogo, conversas e jogo,
vícios do coração.
São horas perdidas, que o relógio não marca.
Segue seu curso a serpente.
Segue o rio seu caminho
enquanto eu, de repente,
faço somente o que sou,
quase sempre sozinho, quase sempre sozinho.

Diletos amigos consigo, comigo.
Consigo evitar o perigo
falando de amor.
Falando de um gol já quase perdido.
São cores do mundo,
perfumes e flores.
Os gols mais bonitos, pela linha de fundo;
quando três por acaso, amigos se encontram...
ninguém sabe o destino, que darão ao mundo;
ninguém sabe o destino, que darão ao mundo;
ninguém sabe o destino, que darão ao mundo.

Seda da Paixão

Adeus paranoia
e medo vêm
no balanço de um trem.

Passageiro coração
segue as estrelas nos trilhos
fugindo da treva dos túneis
e do beijo dos morcegos.

Viajo meu doce destino
como quem procura o brilho
do outro céu-estação.

Orquestras ensaiam outras noites
e vem bailando a madrugada
na voz de seda da paixão.
É como silêncio e seduz
tão ardente como veio.
De repente foge e flui.

Eu quero um trem que me leve
pra dormir em tua cama.
Ponha a ponta dos teus seios
bem na ponta dos meus dedos.

Eu quero um trem que
atravesse nossa história
pelo meio,

na viagem que me desse
o mistério dos mistérios,
o desejo dos desejos,

as verdades impossíveis,
aquelas em que mais creio.





DOUGLAS DE ALMEIDA

Natural de Itabuna, 1955. Poeta, arte-educador, produtor cultural, pedagogo e diretor da Biblioteca Prometeu Itinerante, especializada em literatura baiana.

Livros de poemas:

Confissões de um pecador ateu (1984);

Não sei se sou (2014);

Movimento Poetas na Praça: entre a transgressão e a tradição (2016).

Amigo

Mesmo que o teu caminho
não seja o mesmo que o meu;

Mesmo que a tua vontade
não encontre desejos em mim;

Mesmo que a minha alegria
fira a tua tristeza
e tuas gargalhadas
não encontrem risos em mim;

Saiba que eu estou em você
e que você sempre estará em mim.

Afinal, a manga, a maçã.
o jenipapo e o tamarindo
são irmãos da jaca, da banana
e do abacaxi.

Liberdade

A mim, perguntaram
o que era liberdade...
e eu pude responder:
Liberdade é viver;
 é crescer, por poder nascer;
 é a morte ter que esperar...
 sem ter mais o que temer.

A mim, perguntaram
o que era Liberdade...
e eu pude responder:
Liberdade é transcender;
 é ter opção, e não escolher;
 é sorrir, sem precisar mentir;
 é ter, por poder, querer.

Então me perguntaram
aonde existia esta Liberdade...
e eu também pude responder:
 – Nas páginas de um dicionário.





FERNANDO DE OLIVEIRA

Natural de Ipiáu-Ba,
1944. Médico
Veterinário.
Especialista em Saúde
Pública.

Parceiro musical de
Rosa Passos, Ivan Lins,
Carlos Pitta, Cláudio
Nucci entre outros
compositores.

Suas canções têm sido
gravadas por Rosa
Passos, Nana Caymmi,
Ivan Lins, Danilo
Caymmi, Maria Creusa,
Emílio Santiago e
Kenny Rankin, entre
outros cantores.

Em 2014 publicou o
livro de poemas "O
Livro das Estações".

Dunas

Mês de março em Salvador,
O Verão está no fim.
Todo o mato está em flor,
E eu me sinto num jardim.

Quem sair do Abaeté
Rumo à Praia do Flamengo,
Não de carro mas a pé,
Pelas dunas, mato a dentro,

Há de ver belezas tais
Que mal dá pra descrever,
Tem orquídeas, gravatás,
Água limpa de beber,

Cavalinhas e teiús,
Borboletas e besouros,
Tem lagartos verdazuis
E raposas cor de ouro;

Sem falar nos passarinhos,
Centopeias e lacraus,
Nas jiboias e nos ninhos
De urubus e bacuraus.

Vejo orquídeas cor de rosas
Entre flores amarelas;
Dançam cores, vão-se as horas
Entre manchas de aquarela.

Desce a tarde. Vem na brisa
Um cheirinho de alecrim.
Canta um grilo. Sinto a vida.
Tudo está dentro de mim.

Outono

Luz do sol no chão molhado,
acerolas temporãs,
som de vento no telhado,
cores mortas nas manhãs.

Fogem nuvens, passa o rio,
vão-se as cores do verão,
passa um tudo um calafrio
que me aperta o coração.

Tudo um dia vai-se embora.
Tudo existe de passagem.
Mais que nunca sinto agora
que sou parte da viagem.





JUVENAL PAYAYA

Natural da Chapada Diamantina, 1945. Cacique do povo indígena Payaya.

Economista e professor aposentado.

Escreve poesias e romances da temática indígena. Tem nove obras publicadas.

Vem se dedicando à implantação do território indígena Payaya de Utinga, recém conquistado.

Rematamento

Rematar a mata abatida
mata vencida, virada queimada,
desgraçada, árida, lixiviada
em cinzas, não semeia nada.

Antes fértil, ora sertão de gado;
terra de aluvião, mata molhada
assolada, pau podre de escada;
desertificação do chão - por nada.

Antes coberta de fino outeiro
angico, araponga, arii,
pau ferro, guaçatonga, juriti,
espinheira santa, surubim.

Kaatinga sofrendo à míngua
no sul tanta fartura e fama,
farta chuva pelo norte;
na kaatinga não chove, pinga.

Mata rica, intriga, formiga,
mandaçaia, jataí, jandaia,
porta e janela, caçuá, gamela,
ferro, ouro; cipó que sara e cura.

Águas rasas em lentas vagas - mágoas
gretas vagam, jorra o sangue,
nativo ativo, cativo do corsário
da nau capitânea – hereditária!

Cacau, coca, cunhã, cauim
mogno, mamão, macaxeira,
açáí, andiroba, alecrim.
batata, buriti, bacupari.

Mata, jardim de cores – amores;
pés descalços feridos – caminhos;
arco, flecha evangelho – pastores;
obras, lagos, represas – restolhos.

E por isso, eu canto:
Não deixa a mata morrer;
não deixem a mata acabar;
a mata é feita de sombra,
a sombra pra nos abrigar.

Abraços Selvagens

Em certas horas na selva
tu chegas querendo abraçar-me,
na forma mais tensa:
abraços múltiplos de dois,
paixão no coração que salva,
onde o pensamento é livre
e as formas matemáticas.

Os quatro elementos vitais
se abraçam num quadrado
quase harmônico e perfeito
na função quadrática:
primeiro, me dá teus duplos
braços em fausta oposição,
o esquerdo no meu direito,
o par dos seios teus
nos meus tão raquíticos
como riacho de fonte.

Teus dois lábios lineares
como ondas de oceano,
unamos as coxas primas
como se faz nas vindimas
dos pomares sedutores,
como galho em flores
flutuantes de açucena.

Nas curvas a terra se aquece
à potência do calor do sol.
Me abraça que eu sou teu sol.
Cantos, olhares luzentes
como voos de araras rasantes.

Me afaga na paciência
dos felinos famintos,
ou dos nativos da terra,
na potência da união quadrada,
mas se assim quiseres,
transforma a forma do quadrado
na reformação do chão sagrado,
faz do triângulo um trapézio.

Ergue teus punhos e maneja
a lança como quem sedenta clama
por direito da liberdade plena
pois lua clara vê-se na floresta,
deixa meus braços livres,
minhas mãos abastecidas
com cheiro úmido de solo
e na mais original das formas
afagar-te o colo.

A saliva umedecendo a cava;
o espírito de intenção pura,
- não te esqueça que Deus só ama
quem de fato ama -
comprime o meu costado
entre os dedos, macias tranças.

Faz-me sentir o perfume do suor
no orvalho da manhã;
mantém-te altiva, irrequieta,
como as abelhas – produtivas,
joelhos penitentes, contritos;
deixa-me comprimir-te
por inteira - teu santo dorso;
embriagar-me nos bastidores
do universo e, como um sopro,
como Zeus e Hera,
ver as nuvens do Parnaso.

Agita-te, amor, intermitente a mente
se não mentes que nada sentes
e sentindo o que sentes
confessa e senta no meu colo,
Minha Santa.

A determinação é que orienta
pelas trilhas floridas, porões
da mais luxuosa moradia
do prazer, da ardentia.

É na selva que os entes
se vangloriam da duração da festa;
são tantos gritos, cantos,
quedas de braços...
braços de quem ama a selva.

Mas, se por instantes, Minha Santa,
desejares preservar o sinal
de mais prazer na selva,
faz um dócil gemido
e me dá motivos para outro
selvagem quaternário abraço
nos seios fartos da selva salva.





RILTON GONÇALO

Natural de Salvador, 1975. Economista, ensaísta, editor e escritor.

Poética premiada à Academia Brasileira de Letras (2004) e Instituto de Letras da UFBA (2020).

No exterior publicou "Poietké: Rimas e Análises" (2011).

Na Bahia vem à luz a trilogia de odes "Síbila e Ludo" (2020, no prelo), em edição bilingue (Português-Francês).

Alga Viva

Outra vez este sopro de algas, ostras;
no meu rosto o salitre, onda às pedras.
O que trago é perfume, relvas ervas
cujo grão foi guardado quanto mostras.

São teus pés, não pegadas que estas águas
vêm dourar de areia e sais, reabertas.
É teu hálito que as pedras semeiam
de outras tréguas da língua à boca seca.

Se respiro ou vegeto, nada evola;
outra vez este vento salitroso;
estas águas e pés e bocas ostras.

Pés de vento afora, adentro outro agora.
Areia e ouros, alga viva, aroma
e água, boca seca, grão e pérola.

Legendário Dário

Do proletário o salário é o sudário;
seu relicário é o vestuário vário
do dispensário. O teu erário hilário
é o escapulário no sacrário, otário.

Temerário corolário: o templário,
o legionário, o enviário, o vicário,
o secretário, o comissário viário
no itinerário binário, gregário.

O vigário e o rosário ao campanário.
No balneário, Mário, 'o perdulário
donatário'; Mário, 'o totalitário'.

Miliário ao calendário é o calvário
de Dário, 'o revolucionário icário';
'o precário', 'o honorário', 'o tributário'.





SÉRGIO SÃO BERNARDO

Natural de Salvador, 1965. Advogado, escritor, poeta, Ogan de Oya do Terreiro Ile Asé Taoya Logni.

Mestre em Direito Público - UNB, doutor em Difusão do Conhecimento - UFBA, membro do Instituto Pedra de Raio - Justiça Comunitária.

Professor de Filosofia do Direito da UNEB. Presidente da Comissão de Proteção ao Consumidor-OAB-BAHIA.

Autor dos Livros Xangô e Thémis, estudos sobre direito, filosofia e racismo (2015) e Comentários ao Estatuto da Igualdade Racial e Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia, com Cléia Costa

O Poço, a Espiral e as Pipas

Talvez não estivéssemos
em nosso próprio tempo
rodopiando no meio disso tudo.

Este sofrimento grandioso
e feliz de tentar
compreendê-lo,
cuidá-lo,
convivê-lo,
surtá-lo
insuflando coisas feias
outras tantas bonitas
entre farsas e silêncios
entre gritos e revelações.

Ora como parte,
ora como causa,
ora como solução.

Tudo é beleza e inferno.
Somos sempre os melhores
do lugar que falamos
e falamos para o mundo
buscando nos espelhos,
leitos, peitos e máscaras,
o éter duradouro da presença.

A solidariedade planetária
virará o vírus e o vírus será a vacina
com a humanidade produzindo
uma nova letra
fazendo obter o sentido
de ainda estar
entre os outros,
no meio do poço,
no meio da espiral
e entre as pipas.

O Comum

Gosto do comum.
Fico atento ao simples
mesmo
quando
confuso.

Uso
palavras ocas e diretas.

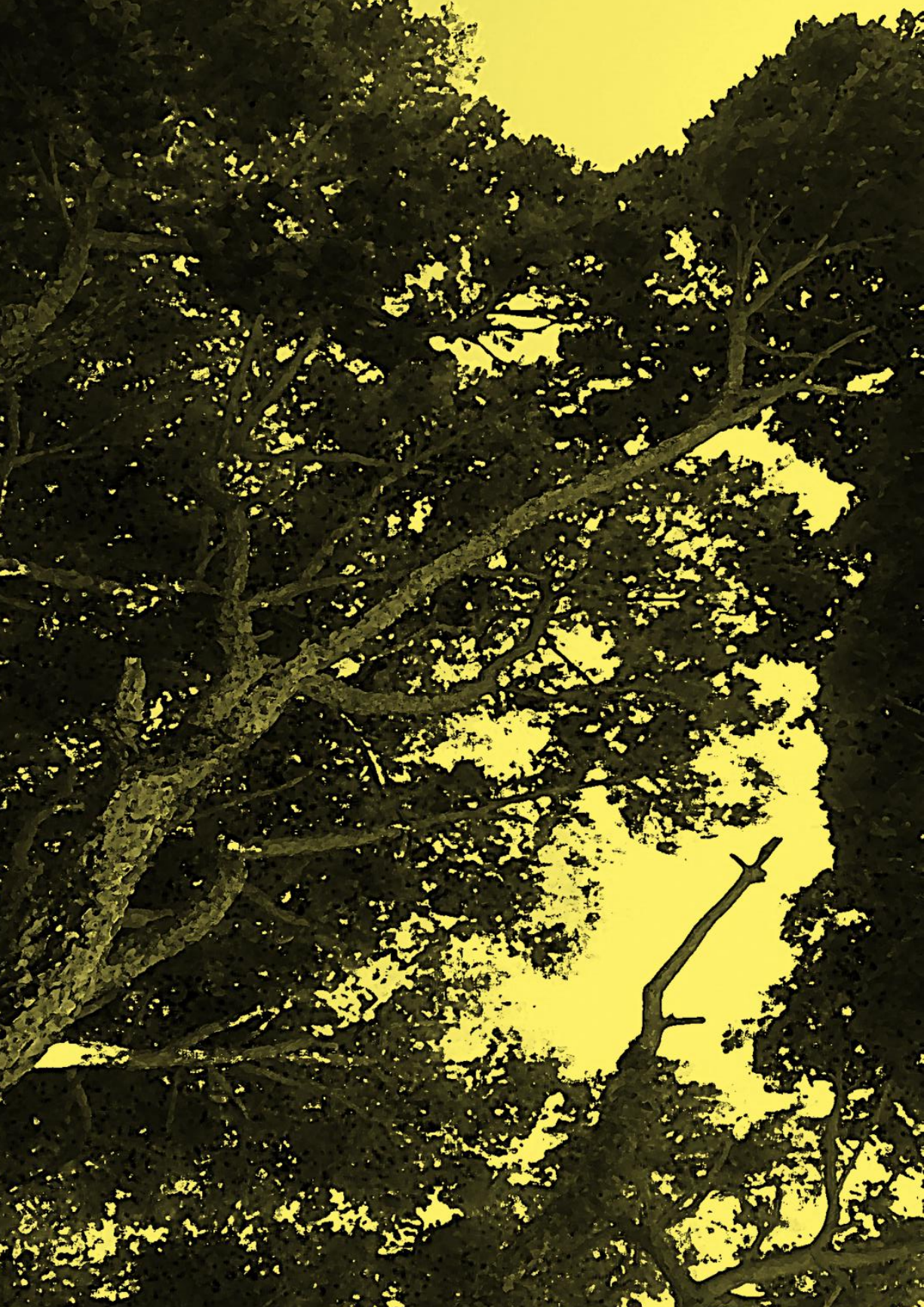
O caminho da topia é o comum;
atinge os não binários,
os anticorpos,
as não dicotomias;
os deserdados,
as mestiçagens,
as empatias.

Nada é puro,
Mas pode ser comum.

Praticamos desavenças;
Promovemos calmarias.

A solução é sempre comum.
a vontade
o bem
a coisa
quando se pretendem comuns
causam guerras e sonhos.

O desejo,
a alma,
a universalidade,
quando comuns,
geram sonhos e guerras;
o caminho do humano;
o caminho do comum
pode ser menos que o perto;
pode ser menos que o longe
como um beijo na boca
ou um aperto de mão.





WALTER CÉZAR

Natural de Tucano, 1956. Operário de nascimento e profissão, caboclo por excelência sanguínea, escolaridade completa, de vielas a avenidas, passando por becos, ruas e praças.

Iniciou sua trajetória poética em 1981, sendo um dos criadores das *Edições Tupyharkus*.

Responsável por publicações de livros, revistas, cartazes, cartões literários, tendo como ênfase a poesia.

De olho no dedão do pé ou hermeticamente deitado

O vento, a música do silêncio,
o tic-tac do relógio não perturba o vazio
e o tempo passa despercebido.

Se já é cedo logo será tarde e as águas dos
rios não serão as mesmas.

A beleza do absurdo é o super-real,
os sonhos se desfizeram em pó
quando o espelho se quebrou
e o pecado ainda assusta.

Urbanoicamente já não se vive de ilusão
e o céu é constantemente visitado.

No arco-íris não existe pote de ouro, os
subterrâneos agora são moradas pós
modernas e o sangue de poeta não dá
congestão.

O tempo não dirá quem somos,
mas quem fomos.

Quem somos só interessa a quem é
e quem é
não diz que é.

Os anjos que vieram do horizonte não se identificaram,
apenas gritaram por sexo, droga e *rock in roll*.
Deixem as pedras rolarem.

E as pedras rolaram, hoje já não é
preciso por o pé na estrada.

Em cada homem existe um subterrâneo
a ser explorado.

Como as frases estão pálidas
e o silêncio é mal compreendido,
o que sou interessa só a mim
e a ti cabe o respeito,
mesmo que a lua não esteja cheia.

Opção: já não é sonho,
apenas deixou de existir.

Agilmente o pôr do sol mudou de horário
e a televisão agora é o presidente.

Não sou um herói da guerra fria,
mas sobrevivo.

Entre o homem e o lobo
prefiro a clandestinidade.
É mais seguro.

O gozo deixou de ser místico para ser precoce
e o sexo
desmoralizado.

Um poeta falou que iria botar o coração entre as pernas.
Gostaria de saber o resultado.

Beat, Poema Beat

Me perdi no tempo
e o futuro
passou despercebido
quando escrevi
na palma da mão
meu próprio epitáfio.

Eu descobri minha primeira verdade
com a cumplicidade do blues
e não me deixei ser enterrado.

Eu não tive culpa quando a 2ª Guerra aconteceu.
Eu não estava lá.

Eu nasci com o "Uivo" de Allen Ginsberg;
não participei do "Almoço Nu" de William Burroughs
e não coloquei o pé "Na Estrada" de Jack Kerouac,
mas percorri alguns caminhos
trilhados pelo *rock'n roll*,
THC, álcool e cafeína.

Eu fui ista,
mas pedi demissão quando o ismo virou moda.

Eu vi Douglas de Almeida
defecando anarquismo nas cabeças dos teóricos.

Li e gostei de Max Stirner.
E viva
a Augusto dos Anjos!

Eu assiti a Crônica de uma amor louco,
mas não enlouqueci ninguém.

Chorei pelas mulheres que eu não tive
mas continuei amando.

Eu estive na praça com os poetas
Eu fui um deles.

Eu recitei em bares em troca de um trago;
declamei entre "Bronhas" e "Dejetos Urbanos"
e estava presente quando o poeta Josemar Nascimento
falou que
todo Manifesto Novo é mentira.

Rock in Rio não quer dizer Woodstock.

Sei que a vida vale a pena,
já dizia Fernando Pessoa.

Mas também sei que as praças estão silenciadas
pelos vídeos
e que a poesia de hoje é eletrônica
e que Raul Seixas é um dos carpinteiros do universo
e eu
meu próprio poema.

Aí, eu parei.
Parei de escrever sobre minhas angústias,
sobre egos partidos,
sobre sonhos que se desfazem em pó;
ou espelhos que se quebram
ao serem olhados.
Parei de escrever sobre desencontros
olhares cúmplices.

Sobre vultos vindos do nada
sobre o último crepúsculo
ou visionárias teorias do asfalto
mexendo com as estribearas da rua.

Eu fiz de minha janela meu ponto de vista
e entre fotografias do passado
e uma parede inexistente.

Eu criei um quarto
solitário
e parei.

Parei de escrever sobre *junks* e étlicos
disputando mulheres grávidas de aborto
e crianças nascendo de barba e bigode
me perguntando
pela outra metade do universo

O que me espanta é a velocidade da luz
e o atraso dos olhos.

O som das palavras já não repercutem tanto
e suas cores
estão perdendo o brilho.

Eu fiz de mim o silêncio e a dor,
a solidão e o solitário,
o clandestino e o anonimato
e não vencerei a guerra que criei.

Eu sou o fraco e o combatido,
a incerteza e o contraste de uma era esquecida.

Do último sonho restou-me apenas o pesadelo
que escapou da memória.

Eu sou o cotidiano da pseudonormalidade;
o anti-mistério do desconhecido
e não procuro mais minha cara-metade
na metade de outra cara.

Há muito que minha sombra
abandonou a escuridão.

Eu parei.

E enquanto estive parado
as emboscadas foram armadas
e muitos amigos meus se foram
sem despedidas.

Eu chorei,
mas nada foi desfeito.

A morte não volta atrás.
Parei!

Parei entre portas fechadas
e minha janela;
entre a espera e o esperado;
entre um ponto e outro
de uma história mal contada.

Eu! Parei.
Parei!

Parei para refazer minhas amizades;
tirar meu eu das esquinas do passado
e sair das páginas em branco
de um caderno debilitado.

Eu quero a busca do sonho perdido,
quero pisar no chão da felicidade
e deitar-me numa cama nova
com lençóis limpos
e travesseiros soltos.

Quero sair da clandestinidade
e ser cúmplice da vida
nos corações dos amantes.

En não busco a desavença emotiva.

Eu quero um corpo em éxtase
ouvindo os sons dos gestos
e a dança dos olhos
na entre-coxas do infinito.

Chega do tédio de lessenine
cortando os pulsos
num poema de morte.

Chega de beber da vodka ideologica de Maiakovski
com suas visões de pátria-mãe.

Chega de copos quebrados
e de mesas vazias.

Torquato Neto quando abriu o gas
sabia que
num gesto de loucura
Van Gogh havia cortado a orelha;
e Jack Kerouac,
que queria ver Deus na TV,
acabou-se de whisky e benzedrina
nos braços da propria mãe.

Não!
Eu não serei um poeta da enfermidade
e não cantarei o hino do desafeto.
Eu já chorei o suficiente
Para ter apenas uma janela como ponto de vista.
Eu não sou fruto do hediondo
Nem da hipocrisia samaritana.
Meu erro foi ser
violentamente sensível
e violentamente incompreendido.
quando beijei a boca do romance
no precipício da paixão.

Chega de desenganados desencontros;
chega de mágoas no sentimento do cosmo;
eu quero a bondade infinita, estendida
na palma da mão;
quero beber no cálice da espiritualidade
a fraternidade divina;
eu quero a felicidade do grito
no sorriso das palavras;
quero Fiat-Lux na escuridão da alma
e a visão clínica das armadilhas do tempo
entre um "alô" e um "até logo";
quero fechar o livro que deixei aberto
e refazê-lo
numa nova edição.

Eu quero o amor
numa cama de casal;
quero o sal que se põe na comida.

Eu quero a vida;
a vida;
a vida.

4 Poetisas Convidadas



A close-up portrait of a woman with her eyes closed, wearing a black and white leopard-print headscarf. The background is a plain, light-colored wall. The lighting is soft and even. The woman has a serene expression. The text is overlaid on a black rectangular area in the bottom left corner.

**BÁRBARA
PONTES**

Natural de Juazeiro, 1981. Historiadora, especialista em Metodologia do Ensino de Artes, mestre e doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Pesquisadora em violência de gênero, atriz, poetisa.

Própria

Não me tenha como tua.
Quem me dera ser posse ou propriedade;
assim ao menos seria minha, possuidora de mim mesma.


Sou apenas uma errante ante a face estranha do tempo
nas entranhas da vida.

Somente ida.

Seguida de impulsos, sentimentos e pensamentos
que também já foram.

Nada ficou, nem eu!





**MALAIKA
KEMPF
BRAGA**

Radicada em Salvador, é natural de Abidjan (Costa do Marfim), 1978. Atriz, diretora, cinegrafista, produtora e editora audiovisual, assim como pesquisadora.

Mestre em Cultura e Identidade pelo IHAC/UFBA, onde pesquisou a matriarca Dona Feliciano e sua família responsáveis por uma manifestação cultural no Recôncavo Baiano.

Escreve poesias, contos, prosas e músicas.

Desde 2019 faz poesias musicadas com Aldir Floquet.

Eus

Nasci, nasci lá, na cilada.
Vim, vim cá fincada.

Aqui parrei, aqui fiquei.
Por um tempo, tempo certo.

Equiparai, aqui finquei
Meus pés, minhas raízes, meu teto.

Fui, fui lá levada
Um tempo passei, passei pelo tempo,

Das mudanças, da construção
Dos meus EUs de hoje, hoje sei.

Sou de onde nasci, vim, passei e parei.
Sou EUs excêntrica, sem centro.

De dentro para fora, de fora para dentro.



5 SOBRE O CEALA

Fundado em 2011, o Centro de Estudos por la Amistad de Latinoamérica Asia y África – Ceala é entidade internacionalista de direito privado, sem fins lucrativos, criada com a finalidade de congregar esforços de pesquisa, consultoria, editoria e ensino, com atividades/estudos feitos e/ou publicados no/com México, Espanha, Cuba, Brasil, EUA, Itália, França, Venezuela, Alemanha, Argentina, Angola, Guiné, Japão, Portugal, República Tcheca, Letônia e Rússia.

O Ceala tem publicado livros individuais e coletivos, promovido ou contribuído com eventos internacionais, intercâmbios culturais e tecnocientíficos, congregando uma rede de consultores, pesquisadores, professores, especialistas e colaboradores, dos quais se destacam:

Prof. Dr. Ricardo de Araújo Kalid (Pesquisador Emérito | CNPq; UFSB, Brasil);
Prof. Dr. José Félix García Rodríguez (Investigador Nacional | CONACYT; UJAT, México);
Prof. Dr. Fernando Cardoso Pedrão (Ibrapse, Brasil);
Prof. Dr. Fernando Buen Abad Domínguez (UNLA, Argentina);
Profa. Dra. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (UCSAL y UFBA, Brasil; UP, Portugal);
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva (NEDH-UCSal, Brasil; US, Espanha)
Prof. Dr. Marcelo Santana Silva (IFBA y UFBA, Brasil);
Profa. Dra. Maristela do Espírito Santo (USNF, Itália);
Profa. Dra. Gesilda Meira Lessa (UFBA, Brasil);
Prof. PhD Student y MsC Rilton Gonçalo B. Primo (UFBA, Brasil; UH, Cuba; UVA, Espanha);
Profa. PhD Student y MsC Mercedes Méndez Fariñas (UMG, Cuba);
Profa. MsC Daiane Maria Pires e Silva (UFBA, INEMA, Brasil);
Prof. MsC Student y Lic. Renato Villaça (UETB, Rússia);
Profa. Lic. Osmara Muñoz Pérez (UMC, Cuba).

Fundado en 2011, el Centro de Estudios de Amistad América Latina de Asia y África - Ceala es una entidad internacionalista sin fines de lucro creada para unir esfuerzos de investigación, consultoría, publicación y enseñanza, con actividades/estudios realizados y/o publicados en/con México, España, Colombia, España, Cuba, Brasil, USA, Italia, Francia, Venezuela, Alemania, Argentina, Angola, Guinea, Japón, Portugal, República Checa, Letonia y Rusia.

Ceala ha publicado libros individuales y colectivos, promocionado o contribuido con eventos, intercambios culturales y tecnocientíficos internacionales, agregando una red de consultores, investigadores, docentes, especialistas y colaboradores de los cuales se destacan:

Contatos | Contactos:

Rilton G. B. Primo
Celular | Móvil
Site | Sítio

| cealaconsulting@hotmail.com ou/o rilton@ufba.br
| +34 634 03 29 71 (Whats App)
| www.ceala.org

6 SOBRE O ALDEIA NAGÔ

Agenda cultural mais completa da Bahia e referência crítica por sua seção de artigos, o portal Aldeia Nagô foi elaborado pelo economista, consultor organizacional e produtor cultural Helder Barbosa, com o objetivo principal de transmitir informações sobre o cenário cultural da cidade de Salvador e Região Metropolitana, destacando o cenário alternativo.

Incentiva o pensamento crítico, divulgando artigos e notícias de valor multicultural, artístico e comportamental. O conteúdo, que constitui a lição relevante hoje em dia, é produzido por colaboradores convergentes com os objetivos do Portal.

Agenda cultural más completa de Bahía y referencia crítica por su sección de artículos, el portal Aldeia Nagô fue diseñado por el economista, consultor organizacional y productor cultural Helder Barbosa con el objetivo principal de transmitir información sobre la escena cultural de la ciudad de Salvador y la Región Metropolitana, destacando la escena alternativa.

Alienta el pensamiento crítico difundiendo artículos y noticias de valor multicultural, artístico y conductual. Los contenidos, que conforman hoy la colección relevante, son producidos por colaboradores convergentes a los objetivos del Portal.

Equipe | Equipo:

Editor

Gerência Geral/Gestión General

Fotografia /Fotografía

Gestão de Conteúdo/Gestión de Contenido

Designer

| Helder Barbosa

| H. Alderete

| H. Barbosa, M. Sérgio

| Rebeca Nina

| Newdão

Contatos | Contactos:

Helder Barbosa

Celular | Móvil

Site | Sitio

| agenda@aldeianago.com.br

| +55 (71) 9.9988-5166

| www.aldeianago.com.br



CEALA

CENTRO DE ESTUDIOS POR LA AMISTAD
DE LATINOAMERICA, ASIA Y AFRICA



ISBN: 978-65-00-02717-4



CDL

9 786500 027174